

AS JUVENTUDES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:

A ÓTICA DOS PRÓPRIOS JOVENS

Autora: Divanir Maria de Lima- UNEAL/UFAL
divanirlima@yahoo.com.br

Co-autora: Profa. Marinaide Lima de Queiroz Freitas/UFAL
naide12@hotmail.com

RESUMO: O texto enfoca a constituição das juventudes buscando as representações do jovem nas diversas sociedades, objetivando analisar a representação dessas juventudes, na contemporaneidade, a partir do olhar dos próprios jovens. Constitui-se um recorte da pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. O processo metodológico é de natureza qualitativa e utiliza a Análise de Conteúdo dos grupos focais realizados com jovens de duas escolas públicas. Aporta-se nos estudos de Spósito (1992, 2003), Carrano(2003), Bardin(2009), entre outros. Os achados da pesquisa demonstram que, para além da explicação das juventudes etarizadas, os jovens se reconhecem como sujeitos reais, negam o arquétipo do jovem moldado a idéia do ser adulto e constroem suas formas de ser jovem.

Palavras-Chave: Juventudes- Educação de Jovens e Adultos- Grupo Focal

THE YOUTHFUL IN THE EDUCATION OF YOUTHFUL AND ADULTS: THE LOOK OF YOUNG PEOPLE THEMSELVES

Abstract: The paper focuses on the construction of youths. It searches the representations of young people in diverse societies, aiming to analyze the representation of these youths, in the contemporary, from the look of young people themselves. This paper constitutes a part of a research in progress at the Graduate Program in Education, Federal University of Alagoas. The methodological process is qualitative and utilizes content analysis of focus groups conducted with youth from two public schools. Spósito (1992, 2003), Carrano (2003), Bardin (2009), among others, contribute to this studies. The research findings show that young people see themselves as real subjects, So, they deny the archetype of youth as an adult and they construct their ways of being young.

Key-words: Youth, Education of Youth and Adult, Focus Group

Introduzindo a discussão...

Soneto de juventude

*Dessa juventude serei vivente,
A alma eterna da vida, a minha prece,
Que de sonho e conquistas enriquece,
O ontem, o hoje, o amanhã e eternamente.*

*Quero vivê-la sempre intensamente,
Nos momentos de glória envaidece,
Na inquietação que a vida oferece,
No rosto que traz um sorriso ausente.*

*Se na rebeldia do inconsciente,
Encontra-se o desejo que estremece,
Amar, lutar, vencer, poder ser gente,*

*Ser um jovem que luta e não esmorece,
E mesmo que na ânsia se faz carente,
De viver o sonho nunca se esquece.*
(DAIRI DUARTE- BA/2010)

O soneto da juventude (DAIRI, 2010) retrata de maneira singular o que é/são a(s) juventude(s) na contemporaneidade. Juventudes viventes de seu tempo, “o ontem, o hoje, o amanhã e eternamente”. Juventudes reais, que influenciam a vida, seja pelas ações de se envaidecer “nos momentos de glória”, ou mesmo nos momentos de “inquietação que a vida oferece” quando “no rosto que traz um sorriso ausente”. É ser alguém “que luta e não esmorece”, mas que ao mesmo tempo “na ânsia se faz carente”, no entanto no momento “de viver o sonho nunca se esquece”.

O soneto referenda a multiplicidade das juventudes que povoam o mundo contemporâneo. Juventudes protagonistas e não meros figurantes da/na história, seres que constroem seu tempo, suas formas de ser jovem, “estremecendo, lutando, vencendo, podendo ser gente”.

Esse é o retrato da juventude que se redesenha no cenário contemporâneo a partir da defesa dos estudiosos das juventudes dentre eles Carrano(2002,2003), Sposito (2002,2003,2009), Pais(2009), Andrade(2003,2004), dentre outros, os quais talvez num ‘movimento de remar contra corrente’¹, apresentam evidências de que as juventudes não são apenas os estigmas que historicamente vêm sobre elas sendo construídos, mas seres concretos(SPÓSITO, 1997).

Nestes escritos, discutimos a constituição histórica das juventudes da antiguidade a contemporaneidade e, para além desse viés explicativo, tentamos observar como os jovens

presentes nas salas de aula da EJA reconhecem suas juventudes. Para isso, analisamos as vozes dos jovens nos grupos focais pesquisados.

A pesquisa da qual este trabalho é um recorte, aporta-se nos pressupostos da abordagem de pesquisa qualitativa (CRESWELL, 2007) constituindo-se num estudo de caso do tipo etnográfico (CHIZOTTI, 2006), utilizando como instrumentos de coleta de dados: a análise documental, as observações em sala de aula, o diário de campo, as entrevistas semi-estruturadas e os grupos focais. Sendo que, neste recorte, apresentamos os resultados das falas dos jovens nos grupos focais das escolas pesquisadas, analisados a partir da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIM, 2009).

1. A constituição das juventudes: categoria histórica e socialmente produzida

A definição de juventude que temos foi construída entre os séculos XIX e XX, pelas práticas sociais oficiais, estatais, liberais, burguesas e capitalistas, constituindo-se um paradigma fundado na modernidade, sendo fruto das contradições dos projetos modernizadores de criação das faixas etárias preparatórias à mudança que se prenunciava.

Pode-se afirmar que, a concepção de juventude em voga, foi pensada a luz da razão e sob o paradigma moderno e racional que, em nome da ciência, define os modelos e as formas de comportamento dos seres humanos, no entanto, desde as sociedades antigas se desenham imagens das juventudes.

1.1 Ser jovem: da antiguidade ao período medieval

A compreensão da gênese das juventudesⁱⁱ na antiguidade nos reporta a Grécia, onde se faz presente uma educação para a adaptação dos sujeitos à cidade, logo as juventudes eram encaradas como sujeitos virtuais e futuros cidadãos que precisavam de uma educação para a manutenção da relação harmônica existente na polis grega.

Ser jovem nessa época significava pertencer a um grupo singularizado e portador de particularidades comportamentais identificáveis, surgindo a necessidade de ‘cuidados’ com o corpo juvenil desde a alimentação, passando exercícios corporais, caça e chegando gradativamente aos treinamentos militares que demarcam a entrada na vida adulta. As imagens que representam as juventudes da época retratam o arquétipo do sujeito em “estado de graça e valorizam o momento particular da vida do cidadão” (SCHNAPP, 1996, p.35), moldado a luz dos costumes e com base nos valores daquela sociedade.

Já na Roma Antiga, dado o poder justificado pela instituição do pátrio poderⁱⁱⁱ, o critério da etarização estava presente na classificação dos grupos. No entanto, tal critério sofria discrepâncias profundas na definição demográfica dos grupos adolescentes e jovens.

Ser jovem nesse momento implicava viver sob forte presença da imagem masculina, marcante na sociedade romana, definidora dos critérios para cada gênero: homem – mulher, possuindo nessa classificação a demarcação clara dos territórios para eles - jovens - e para elas – simplesmente, mulheres – as quais desde a Grécia arcaica a Idade Média tiveram suas identidades femininas subjugadas a definições marcadamente ideológicas, masculinizadas e deveras preconceituosas, como afirma Corti(2004,p.15):

As mulheres romanas não eram classificadas a partir de critérios etários, mas pelos papéis sociais (virgem, mãe ou esposa) desempenhados. [...] Para os homens, o abandono da juventude e a entrada na vida adulta eram marcados pela inserção na vida pública romana, através dos ritos de passagem [...].

A representação das juventudes validava a imagem masculina e, quando aparece a figura da mulher, ela não se integra a categoria das juventudes, a figura feminina é tão somente associada aos jovens num movimento de medo e fragilidade. Nesse sentido, Crouzet-Pavan (1999, p.202), denuncia que: “mulheres e jovens, de maneira equivalente, parecem representar duas ameaças, duas fragilidades capazes de arruinar a ordem temporal e o tecido social”. A imagem feminina era associada ao desvio, a transgressão.

Na sociedade medieval, fortemente determinada pelo castigo e pelo medo do inferno, pregado pela doutrina da igreja, construiu-se sob os alicerces de uma estrutura social arcaica,

Um modelo de conduta em que a idéia do mal e do pecado estava presente em todos os comportamentos ou atitudes do espaço profano que fugisse ao controle da igreja ou evidenciassem a possibilidade de transgressão do código moral vigente(BOSCHILIA, 2010, p.89).

Notadamente, a juventude não se adequando a esse enquadre, era vista de forma perniciososa e, deveria “ser naturalmente regulada, [...] por falta de freio e governo, entrega-se ao mal” (CROUZET-PAVAN 1999, p.191).

Segundo Crouzet-Pavan(1999), essa imagem sombria dos jovens aliava-se a visão de que a juventude é o tempo dos apetites e de seus excessos, caracterizada ainda, como: “continuação direta da infância, a idade da fragilidade do corpo e das primeiras aprendizagens, momento de fragilidade da alma e da razão, logo precisa ser orientado”.

Assim como desde a Grécia antiga, ser jovem no período medieval significava ser enquadrado numa categoria etária, onde a cronologização das fases da vida se dava de forma pouco rígida e sem nenhum aparato científico, implicando estar sob a tutela do adulto,

vivendo uma passagem ritualizada que se estendia pelos anos intermediários entre a idade da infância e a do adulto, mantendo-se a centralidade do pátrio poder instituído desde a Roma Antiga, principalmente para aqueles que nesse momento não atingiram a independência financeira, uma das fronteiras de acesso ao mundo dos adultos.

Até os fins da Idade Média, as estruturas sociais altamente repressivas ainda procuravam deter, tanto pela via dos discursos inflamados da igreja, quanto pela repressão policial, todos aqueles que se contrapunham a ordem, que conseqüentemente perpassa pela imposição de uma ‘falsa moral’, o que manteria a sociedade pura. As práticas juvenis eram consideradas desviantes e criminosas:

A juventude é mostrada como turbulenta, ruidosa, perigosa. Faz desordens, não respeita nada, transgride a ordem social e a ordem moral. [...] desprezam os valores estabelecidos e as pessoas idosas, [...] São insolentes e briguentos, crêem em tudo, entregam-se as loucuras de todo tipo, gastam irrefletidamente, vivem na luxúria e no pecado. É preciso dar-lhes lições, cortar seu orgulho, orientar seus corpos para exercícios úteis, ensinar-lhes a desprezar a vida e, sobretudo, casá-los jovens para evitar a fornicção e o adultério. (PASTOREAU 1999, p.259).

É com essa imagem de uma juventude transviada, pecadora e sem limites inclusive religiosos, que se chega ao fim da Idade Média. Fato que, por si só, justificava o prolongamento das idades para então, sob o olhar do adulto, moderar suas ambições e impulsos, por meio do controle sobre seus corpos e desejos.

1.2 Modernidade e contemporaneidade das juventudes

A explicação das juventudes na era moderna apresenta poucas preocupações com outros critérios além do moral para explicar e compreender a juventude no século XV. Prevalcem os olhares arcaicos da sociedade medieval e por que não dizer, da sociedade greco-romana que visualizava a juventude como problema, e seu tempo como turbulento e violento, sempre encarados como os que infringem as leis cristãs, sociais e morais, os quais movidos pela intolerância ao outro, tornam-se eternos sujeitos em suspeição.

O paradigma da concepção das juventudes modernas sustenta-se a partir da criação das instituições modernas dos séculos XIX e XX- como a escola, o Estado, o direito, o mundo do trabalho industrial entre outros. Instituições que tomam espaço e redefinem a partir de suas bases ideológicas o comportamento dos jovens influenciando diretamente sobre o ‘fabrico’ de suas identidades.

Uma marca da juventude moderna é o paradoxo entre a cristalização do conceito de jovem como sujeito etário, mas também social e cultural, isto é, ao tempo em que reconhece

as faixas etárias e a institucionalização do curso da vida como formas de explicar períodos como: infância, adolescência, juventude e velhice, se valida também a noção de juventude dinâmica e mutante (CORTI, 2004), dada a visão de que as sociedades modernas estão em constante transformação.

A reboque desse paradoxo, perdem fôlego e vão sendo superadas as categorizações próprias do modelo de etarização do curso da vida, que negam a condição histórica dos sujeitos bem como suas singularidades e subjetividades, silenciando quanto as juventudes em sua perspectiva plural, deixando de atentar para a multiplicidade de experiências que o próprio termo congrega.

É ainda na modernidade que se afirma a idéia contemporânea de juventude como categoria “manipulada e manipulável”, conforme Pais (2009, p.1). Pois não se constrói a partir de um único molde, uma forma que produza as juventudes. Assim, não são fixadas de forma genérica, brotam em função das condições próprias de cada sociedade.

A partir de Corti (2004), é possível inferir que começa a ser questionado o paradigma moderno que até então restringira o sentimento de pertença da juventude aos sujeitos das classes abastadas, silenciando quanto a existência de outras juventudes como: as camponesas, as urbanas- periféricas, da oficina, do chão da fábrica, da rua, as negras, e tantas outras, marcadas por suas histórias e seus contextos, crenças, valores, culturas até então negligenciadas.

É então com base na análise de um conceito engendrado à luz das relações de poder latentes ou patentes, de subserviência e afirmação de uns grupos sobre outros e, tentando minimizar os danos causados pelas “verdades” desse modelo que, na contemporaneidade se denuncia a fragilidade do paradigma das idades.

Os teóricos das juventudes são incisivos na denúncia de que não existe uma juventude, como se queria ou mesmo pretendia a modernidade, mas sim juventudes, seres construídos social, histórica, relacional e culturalmente.

A contemporaneidade traz consigo uma releitura do processo de caricaturização ao qual foi submetida a juventude clássica, à moda da sociedade adulta. As discussões ressurgem esfacelando o modelo arquitetado a priori e enxergando os sujeitos jovens de um lado como homogêneos, na perspectiva das fases da vida - o veio etário - possuidores de características pertencentes a uma dada geração mas, continuamente flutuantes, identidades cambiantes, móveis, não pré-fixadas, em processo contínuo e inconcluso (HALL, 2006).

O esfacelamento do arquétipo do sujeito pré-determinado a partir das idéias do adulto rui e se consegue ver os jovens heterogêneos, detentores de determinadas características sim, por pertencer a um agrupamento social, mas capazes de exercer papéis sociais para além daqueles dados pela história, como por exemplo, o de esposa e mãe, para elas e, o de provedor e militar, para eles.

É com base na compreensão da juventude em sua dimensão diversa, heterogênea e plural que residem às discussões da sociologia das juventudes, a qual objetiva a superação do viés etário, cristalizado como a definição mais evidente da juventude, propondo desmistificar esse conceito, denunciando as possíveis implicações dessa categorização conceitual sobre as vidas dos sujeitos.

Descortinam-se, a partir desse novo olhar, as várias formas de ver uma juventude construída historicamente e atrelada unicamente às representações das sociedades e épocas. Tendo como traço característico dessa nova concepção gestada nas últimas décadas do século XX, a descronologização^{iv} das idades ou das fases da vida (CORTI,2004), ou seja, a dissolução da definição cronológica para uma nova definição desse ciclo da vida, já que a explicação pela via etária é excessivamente aleatória.

A definição demográfica ou etária além de frágil e com pouca sustentação, serve tão somente à fundamentação de pesquisas, tomada de decisões no âmbito de políticas públicas, pois como afirma Carrano (2003, p.110). Tais critérios são próprios “da realização de dados estatísticos”, os quais em nada dizem quem são, de fato, os sujeitos que constituem as juventudes.

Buscam-se novas formas de perceber as juventudes, novos redesenhos, novas imagens. A descaricaturização do jovem vem junto com a insegurança acerca de que tratamento dar a esse jovem.

Assim, já não se pode formular um conceito universal e homogêneo, pois características como: a inserção no mundo do trabalho, o casamento e a constituição de um novo núcleo familiar, bem como a procriação, tidas até então como demarcadoras do fim da juventude e entrada na vida adulta, já não mais podem ser validadas como norte de observação da categoria em questão. O período em transição agora perpassa pela flexibilização dos territórios balizados entre as idades.

A juventude é uma construção social, logo variável segundo a sociedade contemporânea, deixando de ser encarada simplesmente como um processo natural, não é apenas um ciclo biológico, idades e estados fisiológicos como se pensava outrora. Juventude

na contemporaneidade é sinônimo de valoração de sujeitos concretos reais, de culturas, de modos de ser jovem, de leituras sobre multiplicidades, seres em desenvolvimento sim, mas pelo simples fato de existirem, estarem vivos. Ser jovem já não se pode explicar tão somente pela via etária ou biológica, ou apenas sociológica, ou somente histórica, é mais que isso.

Ser jovem na contemporaneidade é algo que se constrói tentando enxergar os diversos contributos oriundos das várias possibilidades de explicação. Não contrapondo de forma antagônica os fatos, mas buscando o ponto de entrecruzamento entre as tantas formas de ver os jovens, perpassando pela quebra das pontes, pela superação da cronologização das idades, pela passagem da fase transitória e anômala, para a visão de que a juventude é uma parte da vida dos sujeitos.

A contemporaneidade se constitui o tempo da reconfiguração da tematização acerca do que é/são a(s) juventude(s), ultrapassando as conceituações históricas e os enquadres emoldurados da juventude-problema, de uma vida sem maior sentido por ser passageira e de um momento que carece de vigilância constante dada a condição juvenil como transgressora.

É tendo consciência da complexidade da definição de juventude na contemporaneidade que trataremos a seguir da concepção de juventude a partir do olhar dos próprios sujeitos-estudantes-jovens.

2. As juventudes para além do viés histórico etarizado: o olhar dos próprios jovens

Dada a limitação própria do formato desses escritos, enfocamos alguns achados da pesquisa em andamento, procurando observar nas falas dos próprios jovens como se vêem, como representam suas juventudes, se numa perspectiva de etarização ou se para além dessa explicação, percebem-se como sujeitos não só históricos, mas culturais, sociais e que paulatinamente constroem suas formas de ser e estar no mundo.

Posicionamo-nos corroborando com as ideias defendidas pelos teóricos das juventudes dentre eles Carrano(2007), quando destaca as juventudes como portadoras de “identidades múltiplas”, como uma “complexidade variável”, nessa perspectiva ser jovem pressupõe possuir muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços.

2.1 As juventudes pela ótica dos jovens

Na análise de conteúdo nos Grupos Focais (GF)^v percebeu-se a princípio uma relação de aproximação entre as falas dos sujeitos-alunos-jovens no tocante a compreensão em alguns momentos da juventude como etarização, o que demonstra a força da construção histórica do arquétipo de jovem a partir dos valores de cada povo e época. No entanto, também é possível

visualizar uma fissura na crença dessa explicação como a única forma de ver as juventudes. É a crise do paradigma das idades na concepção das juventudes a partir de si mesmas.

Para a análise dos dados coletados nos apoiamos na técnica de Análise do Conteúdo (AC) das mensagens postas nas falas dos GF. Constitui-se uma técnica de análise de observação das mensagens postas nos textos. “É um conjunto de técnicas de análises das comunicações” (BARDIN 2009), objetivando perceber o conteúdo e proceder a inferências sobre: i) as características do texto; ii) as causas e/ou antecedentes das mensagens; iii) os efeitos da comunicação.

Assim, com base na AC das mensagens postas nas falas dos grupos, elegemos as Categorias-CT, representada(s) nesta análise em letras maiúsculas e em negrito, as Unidades de Contexto-UC, identificadas em algarismo romano e sublinhadas e, as Unidades de Registro-UR, identificadas pelas letras do alfabeto minúsculo, conforme mostram os recortes das mensagens dos GF. Para melhor compreensão da análise, usaremos as abreviaturas: CT,UC e UR ao lado de cada registro.

Para ouvir os jovens-alunos constituímos dois GF, sendo um em cada escola pesquisada e levando em consideração o recorte etário da juventude. Partimos dos recortes das transcrições dos GF, onde observamos como as juventudes se vêem e como se percebem na EJA.

CONCEITO DE JUVENTUDE (CT)

I. Faixa etária (UC1)

a) Fase da vida/ idade (UR)

É ter a **idade (1)** da gente. [...] cada **idade (2)** tem um livro diferente. [...] eu acho que é pra gente jovem, tá tudo dentro da **faixa(3)** né? [...] é pra **idade (4)** da gente mesmo né?” [...] “Porque ainda **estamos novos(5).**”

II. Estado de espírito (UC2)

a) mundos diferentes/ alegria (UR)

“Jovem gosta muito de **sair (1)**, se **divertir(2)** [...] gosta muito de **festa(3)**, pra mim, eu acho que ser jovem é isso,

III. Formas de ser Jovem (UC3)

a) ser etário/ curtição/ não ao casamento e do mundo do trabalho (UR)

“ficar a vontade por ai é **só curtir a vida(1)**, adulto vai ficar fazendo o quê? Ai o cara chega e diz pô... o cara jovem quer só **curtir a vida(2)**. [...] balada, festas, **curtir(3)**, dançar, arrumar namorada, final de ano ir pra praia, ir pra show. [...] **ser pai de família(4)**, ficar trancado dentro de casa, **cuidando do trabalho(5)**, e o adulto vai ficar fazendo o quê? Em casa **cuidando da família(6)** não é não? [...] se a pessoa se **casar(7)** com alguém que não gosta pronto, fica só em casa, não sai mais...o **casamento(8)** atrapalha muita coisa”.

Na análise de conteúdo da CT, que trata do **Conceito de Juventude** ocorre a segunda maior frequência de depoimentos na **UC I** que aponta para a faixa etária como unidade com um número considerável de depoimentos, 05 (31%) no total das falas (18 depoimentos no total da CT), tratam a juventude como: “faixa etária”, “fase da vida”, “idade”, “faixa”, “novos”.

As UR evidenciam, por meio das palavras ou expressões em destaque, a concepção de juventude já referendado pela explicação etária. Uma juventude cristalizada a partir do paradigma das idades é a forma mais presente de conceituação do que é ser jovem.

Nos recortes das falas dos jovens-estudantes está alicerçada a concepção de juventude como período da vida, subsistindo ainda a concepção secular de que ser jovem é acima de tudo e, primeiro que tudo, ter uma certa “idade”, e essa idade é a “faixa” dos mais “novos”. Atribui-se a ideia de juventude ao período de maior jovialidade dos seres humanos.

No entanto, a **UC II**, agrega um novo elemento a clássica imagem do jovem cronologizado, tratando a juventude como um estado de espírito. Nessa UC acaba sendo a que apresenta o menor número de depoimentos, apenas 03 (19%). Apesar disto, pode-se inferir que o paradigma das juventudes demográficas vem sendo, paulatinamente rediscutido entre os jovens.

Talvez estejamos vivendo a redefinição do conceito de juventude. Não diríamos que o modelo de juventude etarizada, gestado historicamente a partir do olhar vigilante do adulto, esteja em decadência, mas que, está sendo revisitado, ou seja, vai perdendo espaço como a única forma de percepção e explicação do que é ser jovem.

Referenda-se nos depoimentos a presença de uma noção de juventude, como algo que se constrói a partir das relações que os sujeitos estabelecem com o mundo e não apenas como um período de transição monitorado pelo ser adulto.

A juventude que se descortina é vista como processo de conquistas, de vida intensa, o que se pode ver nos depoimentos “jovem gosta muito de **sair**”, “se **divertir**[...], “gosta muito de **festa**”, pra mim, eu acho que ser jovem é isso. Juventude é sinônimo de uma vida eufórica, a vida em mundos diferentes do mundo dos adultos.

São juventudes diversas, não um período da vida, mas uma história, um processo de vida. Uma construção que “contagia”, “ajuda”, “troca”, “diverte”, “festeja”, “curte”, se “alegra”. A juventude é atribuída a um momento em que os sujeitos estão mais abertos a vida, a encarar o mundo e a construir suas existências como algo inerente a própria vida com os alentos e desalentos de ser jovem, de ser gente, de ser humano.

Ser jovem significa viver intensamente as tantas juventudes: juventudes-adolescentes, juventudes-jovens e juventudes-adultas, juventudes rurais ou urbanas, negras ou pardas, homens ou mulheres, juventudes que fazem “bico”, juventudes que se vêem como protagonistas e não meros expectadores de seu processo de constituição. Processo que se consolida sobre a premissa de que as juventudes são construção histórica sim, mas também social, cultural, relacional enfim, construção alicerçada numa “idéia de uma juventude que contempla multiplicidades”, (CATANI; GILIOLI, 2008, p.104).

Reforçando a mudança epistemológica que se prenuncia nos recortes das falas da CT1, a **UC III** que discute as formas de ser jovem, apresenta como UR: ser etário, curtição, não ao casamento e ao mundo do trabalho, observados em falas como:

Ser jovem é ficar a vontade por ai, é **só curtir a vida**, adulto vai ficar fazendo o quê?

Ai o cara chega e diz pô... o cara jovem quer só **curtir a vida**.[...] balada, festas, **curtir**, dançar, arrumar namorada, final de ano ir pra praia, ir pra show.

Conforme observado nas falas dessa categoria, os jovens começam a perceber que ser jovem ultrapassa a idéia de passagem de um mundo a outro, que essas formas se consolidam nas idéias de Catani e Gilioli(op.cit.,p.104) ao afirmarem que:

A juventude [...] não corresponde a uma condição ‘natural’ do ser humano. Embora sua face possa facilmente remeter, em um primeiro olhar, aos aspectos do desenvolvimento biopsicológico dos indivíduos, fundamenta-se em uma construção que varia conforme a época e as condições sociais, políticas e culturais existentes.

Sendo as juventudes na contemporaneidade, reconhecidas pelos próprios jovens como multiplicidades, desmistifica-se o velho paradigma das juventudes etárias, tornando inviável aos educadores buscarem sustentar apenas a explicação do ser jovem pela via do biológico, da evolução, do processo natural.

Faz-se necessário então ultrapassar a limitação histórica da concepção que tem sustentado a construção das juventudes como algo inevitavelmente dado/doado, e reconhecer nos jovens concretos sua capacidade de, como jovens participarem, “ativamente da vida social, trabalhando, votando, vivendo sua sexualidade”, (CORTI e SOUZA, 2004).

Por outro lado, os jovens apresentam em suas falas, a idéia de juventude atrelada a uma caracterização desse momento como “fase de menores responsabilidades” (CATANI; GILIOLI, 2008, p.97), como já se discutia nos anos de 1980. Isto se pode notar em falas como:

Ser jovem é **curtir a vida**, arrumar namorada, **não ser pai de família**, casamento atrapalha, adulto fica cuidando do trabalho.

[...] **ser pai de família**, ficar trancado dentro de casa, **cuidando do trabalho**, e o adulto vai ficar fazendo o quê? Em casa **cuidando da família** não é não? [...] se a pessoa se **casar** com alguém que não gosta pronto, fica só em casa, não sai mais... o **casamento** atrapalha muita coisa. (Grifos nossos).

As falas referendam que os jovens-adolescentes ou mesmo os jovens-jovens não têm maior ‘pressa’ em atravessar a ponte entre os dois mundos, o infante e o adulto. Optam por permanecer na condição juvenil, apropriando-se da idéia de juventude enquanto moratória, ou seja, um período de amadurecimento, um pouco mais prolongado, até a entrada no mundo adulto.

É preciso compreender a concepção de juventude que ainda se referenda no século XXI, como fruto de um processo de cristalização histórica, e validação de uma idéia originária “da cultura e da sociedade ocidental, capitalista, burguesa, liberal, do século XIX, [...] ainda é marcada por caracteres definidores e legitimadores cientificistas, baseados em uma noção evolucionista do ser humano e das coisas”, (GROPPO, 2000, p.271).

Ir além dessa explicação é condição *sine qua non* para que famílias, instituições escolares, Estado, organizações da sociedade civil, entre outras comecem a efetivamente perceber as juventudes pela ótica dos jovens:

O ‘jovem’ não deve ser visto como uma figura abstrata, desvinculada, a explicação do comportamento juvenil deve considerá-lo inserido na estrutura global. A juventude deve ser encarada, pois, como categoria histórica. Isso implica não falar genericamente da juventude como se fosse um bloco homogêneo, mas sim uma categoria segmentada: estudantes e não estudantes, trabalhadores e não trabalhadores, homens e mulheres, moradores das grandes e das pequenas cidades (ou ainda zona rural). (Grifos nossos) (SOUZA, 2003, p. 46).

É essa atitude que dará visibilidade aos jovens na sociedade e conseqüentemente na Educação de Jovens e Adultos, reconhecendo “que chegou o momento de os jovens entrarem na história”. Desde a primeira reação da sociedade em classificá-los como ‘desviantes’, ‘anormativos’, ‘exóticos’, passaram-se décadas, séculos até que comesçassem a ser reconhecidos como sujeitos sociais legítimos e relevantes, (CATANI e GILIOLI, 2008, p.105).

Para (não) concluir a discussão...

Pode-se observar, nesse recorte da análise que, nos grupos focais, os jovens se vêm para além do arquétipo da cronologização das idades. Reconhecem-se como pessoas, não

seres abstratos - alunos- tão somente, mas como jovens-alunos, não deixam de serem alunos, mas não negam suas juventudes na Educação de Jovens e Adultos.

No momento em que definem a juventude como um estado de espírito, estão vivendo suas juventudes e, se constroem, heterogêneos, múltiplos, plurais, apesar do peso histórico do “ser-jovem-etarizado”. Para além dessa condição: vivem, dançam, curtem suas existências, enfim, constroem-se, enquanto que a escola se não for também além de seus limites, ficará a reboque dessa constatação e jamais poderá ver as juventudes na EJA pela ótica dos jovens.

É a atitude de ver os jovens pela ótica das juventudes que, contribuirá efetivamente para a consolidação do direito das juventudes ocuparem de fato seus espaços na Educação de Jovens e Adultos.

Referências

ANDRADE, E. R. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: OLIVEIRA, Inês B; PAIVA, Jane. (Orgs.) **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, (p.42-54)
BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e atualizada: Edições 70. Portugal, 2009.

BOSCHILIA, R. Juventude, ultramontanismo e educação católica. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 87-102, 2005. Editora UFPR. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewPDFInterstitial/7864/5545> Acesso em: 24.01.10

CARRANO, P. C. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARRANO, P. C. **Juventudes: as identidades são múltiplas**. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=1086, 2007. Acesso em: 05 jan. 09

CATANI, A. M.; GILIOLI, R. S. P. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CORTI, A. P. e SOUZA, R. Aproximando-se do conceito de juventude. In: _____ . **Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores**. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

CROUZET-PAVAN, E. Uma flor do mal: os jovens na Itália medieval (séculos XIII-XV). In: LEVI, G; SCHMITT, J-C. (Orgs.). **História dos jovens: da antiguidade à era Moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. (p.191-243).

CRESWELL. J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DUARTE, D. **Soneto de juventude.** Disponível em: http://eja.sb2.construnet.com.br/cadernosdeeja/juventudeetrabalho/jt_txt23.php?acao3_cod0=cc82d0104fc65f24c87d5234dd2ae078. Acesso em: 20.07.10

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio e Janeiro. DP&A, 2006.

LEVI, G; SCHMITT, J. C.(Orgs.) **História dos Jovens 1: da antiguidade à era moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEVI, G; SCHMITT, J. C. (Orgs.) **História dos Jovens 2: a época contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PAIS, J. M. **Jovens e cidadania.** Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n49/n49a04.pdf> Acesso em:25.09.09

PAIS, J. M. **A construção sociológica da juventude: alguns contributos.** Disponível em: www.apis.ics.ul.pt/SendDoc.aspx?d=272&q=9320 Acesso: 10.10. 09

PASTOUREAU, M. Os emblemas da juventude: atributos e representações dos jovens na imagem medieval. In: LEVI, G; SCHMITT, J-C. (Orgs.). **História dos jovens: da antiguidade à era moderna.** São Paulo: Cia. das Letras, 1996. (p. 245-263).

SCHNAPP, A. A imagem dos jovens na cidade grega. In: LEVI, G; SCHMITT, J-C. (Orgs.). **História dos jovens 1: da antiguidade à era moderna.** São Paulo: Cia. das Letras, 1996. (p. 19-57).

SOUZA, R. M. A juventude como tema de investigação. In: _____ **Escola e juventude: o aprender a aprender.** São Paulo: EDU/Paulus, 2003. (p. 46- 62).

SPOSITO, M. P. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação,** Brasília, Mai/jun/ago. 1997. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_06_MARILIA_PONTES_SP_OSITO.pdf Acesso em: 02 out. 08

SPOSITO, M P. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas.** São Paulo: Ação Educativa, 2003.

ⁱA expressão “remar contra a corrente” aqui se refere as discussões que os teóricos das juventudes na contemporaneidade têm feito em defesa da construção da idéias de juventude para além da etarização, da concepção do jovem como problema e da juventude como transição/passagem. No movimento de reconceitualização das juventudes, ser jovem é ser histórico-social e culturalmente construído.

ⁱⁱ A partir das idéias de Levi e Schmitt (1996) é possível afirmar que não se pode falar de *uma* história da juventude, mas *histórias* que concernem a *juventudes* e sobre jovens, seres plurais. (Itálico do original).

ⁱⁱⁱ Segundo Levi & Schmitt (1996), o pátrio poder consistia em uma instituição tipicamente romana, de validação suprema do poder dos pais sobre os filhos, tendo sobre estes direito de vida e morte, podendo decidir sobre o alargamento de suas idades, exercendo mecanismos de poder e relações de autoritarismo sobre aqueles que estão

sob sua responsabilidade, daí a justificativa do excessivo prolongamento das idades na sociedade romana. Enquanto os filhos estivessem sob seu julgo, os pais teriam plenos poderes sobre os mesmos.

^{iv} Corti (2004) traz a terminologia descronologização não para negar a construção histórica do conceito de juventudes a partir do paradigma das idades, mas para contestá-lo, visto que na pós-modernidade, ou mundo contemporâneo como queria tomar, tal categorização já não se sustenta, por sua fragilidade, relativização e também pelos tantos transtornos que têm causado as idéias de juventude como moratória, transitoriedade e, tantas outras.

^v Foram realizados dois Grupos Focais (GF), com alunos das escolas pesquisadas, definidos a partir do critério etário, ou seja, jovens com idade entre 15 e 29 anos, conforme o recorte da pesquisa. Ambos os grupos tiveram em sua constituição todos os subgrupos que constituem as juventudes brasileiras (15-17anos: jovens-adolescentes, 18-24 anos: jovens-jovens e 25-29 anos: jovens-adultos), a partir da classificação etária para esta categoria segundo a Secretaria Nacional de Juventude- SNJ e o Conselho Nacional de Juventude- CONJUVE.